

A influência das variáveis sociais no alçamento das vogais médias pretônicas no interior paulista

Márcia Cristina do Carmo (IBILCE/UNESP)¹

Resumo: O presente artigo objetiva analisar a atuação das variáveis sociais *sexo/gênero, faixa etária e escolaridade* no alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Por meio do alçamento vocálico, as vogais /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como [i] e [u], como em *m[i]nino* e *c[u]nserir*. Dois processos podem acarretar o alçamento: (i) *harmonização vocálica* (Câmara Jr., 2007 [1970]; Bisol, 1981), em que há a influência de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *inv[i]sti* e *s[u]frido*; e/ou (ii) *redução vocálica* (Abaurre-Gnerre, 1981), em que se pode verificar a influência do(s) ponto(s) de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s), como em *p[ik]eno* e *al[mu]çar*. Como cópula, são utilizados 38 inquiridos com amostras de fala espontânea provenientes do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP – *Amostra Linguística do Interior Paulista* (IBILCE/UNESP – FAPESP 03/08058-6). O presente trabalho segue o arcabouço teórico da *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, proposta por Labov (1991 [1972]). A partir da utilização do pacote estatístico *Goldvarb-X* para a análise quantitativa dos dados, os resultados mostram a pouca influência das variáveis sociais em relação ao alçamento das vogais médias pretônicas, evidenciando a natureza *linguística* do fenômeno no que diz respeito à variedade do interior paulista.

1. Introdução

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de Doutorado que analisa as vogais pretônicas /e, o/ na variedade do interior paulista, mais precisamente da região noroeste do Estado, onde está situado o município de São José do Rio Preto. O recorte do presente artigo refere-se à influência de variáveis *sociais* no comportamento dessas vogais.

Na variedade do interior paulista, as vogais médias pretônicas estão sujeitas ao *alçamento vocálico*, fenômeno por meio do qual as vogais /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como [i] e [u], como em *m[i]nino* e *c[u]nserir*. O alçamento vocálico é resultado, sobretudo, de dois processos: (i) *harmonização vocálica* (Câmara Jr., 2007 [1970]; Bisol, 1981),² em que uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo engatilha o alçamento, como em *p[i]di* e *n[u]vilha*; e (ii) *redução vocálica* (Abaurre-Gnerre, 1981), em que, geralmente, verifica-se a influência do ponto de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo para a realização do fenômeno, como em *m[i]lhor* e *c[u]mer*. Segundo Bisol (2009), esses processos são formalmente diferentes, pois a harmonização consiste em um caso de *assimilação* e a redução corresponde a um processo de *neutralização*.

¹ Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciani Ester Tenani (IBILCE/UNESP). Bolsas: FAPESP – Processo n^o 2009/09133-8 & CAPES/PDEE – Processo n^o 2563-11-8.

² Também denominada *harmonia vocálica*. Cabe ressaltar, no entanto, que esse processo não corresponde à harmonia vocálica presente nas raízes verbais. A harmonização/harmonia analisada nesta pesquisa em relação ao fenômeno do alçamento vocálico consiste em uma regra *variável*. Neste trabalho, denomina-se o processo *variável* como *harmonização vocálica*, a fim de facilitar sua distinção em relação à regra *categorizada* da *harmonia* presente na raiz verbal.

A importância da investigação desses processos em diferentes variedades do Brasil justifica-se pelo fato de os comportamentos fonético-fonológicos das vogais médias pretônicas marcarem variação dialetal. Há mais de três décadas, vêm sendo realizados estudos sobre essas vogais em diversas variedades do Português Brasileiro (doravante, PB). Podem ser citados, por exemplo, os trabalhos de Bisol (1981), sobre o dialeto gaúcho; Viegas (1987, 2001), acerca da variedade de Belo Horizonte (MG); Bortoni, Gomes e Malvar (1992), sobre a variedade falada em Brasília (DF); Celia (2004), sobre a variedade de Nova Venécia (ES); Cassique *et al* (2009), sobre o dialeto de Breves (PA); dentre outros.

Cabe ressaltar, porém, que estudos sobre vogais médias pretônicas em variedades faladas no Estado de São Paulo são relativamente recentes. Silveira (2008) descreve as vogais médias pretônicas em *nomes* na variedade do interior paulista. Carmo (2009) analisa o comportamento dessas vogais em *verbos* no mesmo dialeto. No entanto, esses trabalhos consideram apenas uma variável social: a *faixa etária* do informante. Desse modo, o presente trabalho busca avançar em relação a esses estudos, investigando: (i) o comportamento fonológico das vogais médias pretônicas, concomitantemente, de *nomes* e de *verbos* na variedade do interior paulista; e (ii) uma possível influência exercida não apenas pela *faixa etária*, como também por outras variáveis sociais: o *sexo/gênero* e a *escolaridade*.

Como fundamentação teórica, esta pesquisa segue a *Teoria da Variação e Mudança linguística* (Labov, 1991 [1972]), que trata das relações entre elementos linguísticos e sociais, a partir de uma concepção de língua como heterogênea por ser também heterogênea a sociedade em que ela se manifesta. Como corpus, utilizam-se 38 entrevistas do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP (IBILCE/UNESP – FAPESP 03/08058-6), que conta com amostras de fala espontânea de informantes do noroeste paulista. A análise quantitativa dos dados é realizada com a utilização do pacote estatístico *Goldvarb-X*.

Deve-se destacar que o presente trabalho busca contribuir no âmbito de um Projeto maior ao qual está vinculado: o *PROBRAVO – Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português (do Brasil)* –, coordenado pelos professores doutores Seung-Hwa Lee (FALE/UFMG) e Marco Antônio de Oliveira (PUC/MG), que realiza investigações sócio-históricas e linguísticas sobre realizações fonéticas das vogais em diversas variedades do PB.

O presente artigo está estruturado do seguinte modo: na seção 2, expõe-se o arcabouço teórico acerca do fenômeno investigado e da *Teoria da Variação e Mudança Linguística*. No item 3, descrevem-se o corpus e os passos metodológicos efetuados durante a realização desta pesquisa. Na seção 4, têm-se a apresentação e a análise dos dados. Por fim, no item 5, apresentam-se as considerações finais, seguidas pelas referências bibliográficas.

2. Fundamentação teórica

Com base em suas constatações sobre a variedade do Rio de Janeiro, Câmara Jr. (2007 [1970], p. 41) afirma haver sete vogais orais em posição tônica no PB, sendo elas:

Diagrama 1. Vogais tônicas no PB

Altas	/u/			/i/	
Médias		/o/		/e/	(2° grau)
Médias		/O/		/E/ ³	(1° grau)
Baixa			/a/		
	Posteriores		Central		Anteriores

Segundo Câmara Jr., na posição pretônica, no entanto, há uma redução para cinco fonemas vocálicos, por meio de um processo de *neutralização*, desaparecendo a oposição entre 1° e 2° graus (ou seja, entre as vogais médias-baixas e as vogais médias-altas), prevalecendo as vogais médias de 2° grau (vogais médias-altas). Desse modo, as vogais pretônicas podem ser representadas da seguinte forma (Câmara Jr., 2007 [1970], p. 44):

Diagrama 2. Vogais pretônicas no PB

Altas	/u/			/i/
Médias		/o/		/e/
Baixa			/a/	

Os fonemas referentes às vogais médias-altas em posição pretônica podem ser realizados foneticamente como vogais médias-altas, vogais altas ou, ainda, em determinadas regiões do Brasil, como vogais médias-baixas. De acordo com Câmara Jr. (2007 [1970], p. 35), isso ocorre por conta de “uma assimilação aos traços dos outros sons contíguos ou um afrouxamento ou mesmo mudança de articulações em virtude da posição fraca em que o fonema se acha”.

No que diz respeito às vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, encontra-se o fenômeno fonológico variável *alçamento vocálico*, apresentado na seção 1 deste trabalho. Nessa variedade, nota-se, também, a ausência do fenômeno denominado *abaixamento vocálico*, em que as vogais médias-altas pretônicas /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como as médias-baixas [E] e [O], como em *p[E]r[E]reca* e *c[O]lega*. Esse fenômeno é característico, sobretudo, do Norte e do Nordeste do Brasil, mas também pode ser identificado em determinadas variedades do Centro-Oeste e do Sudeste do país.

Em relação ao alçamento vocálico, como já mencionado, dois processos podem acarretar sua aplicação: *harmonização vocálica* (Câmara Jr., 2007 [1970]; Bisol, 1981) e *redução vocálica* (Abaurre-Gnerre, 1981). Para as vogais médias pretônicas dos *nomes* na variedade do interior paulista, Silveira (2008) observa que o processo de *redução vocálica* é o mais relevante para a aplicação do alçamento. Para as pretônicas presentes em *verbos* na mesma variedade, Carmo (2009) identifica a *harmonização vocálica* como o processo mais atuante, resultado justificado pela autora com base em certas informações morfofonológicas

³ Neste trabalho, as vogais médias-baixas anterior e posterior são representadas, respectivamente, por /E/ e /O/.

relacionadas à presença de vogal alta em verbos, como: (i) os sufixos de segunda e de terceira conjugação /-i/ e /-ia/; e (ii) a ocorrência da *harmonia vocálica* na raiz de certas formas verbais de terceira conjugação, em que a vogal da raiz harmoniza seus traços de altura com a vogal temática subjacente /i/, como em *sentir – sinto* e *dormir – durmo*.

No que tange à *harmonização vocálica*, Câmara Jr. constata que esse processo ocorre quando a vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é *tônica*. Afirma que, na variedade do Rio de Janeiro, quando a vogal média é seguida de vogal tônica alta, a vogal é pronunciada como alta, havendo poucas exceções: “vocábulos inusitados na linguagem coloquial e por isso não encontrados num registro informal, como *fremir*” (Câmara Jr., 2007 [1970], p. 45). Bisol (1981, p. 65), por sua vez, em seu estudo sobre a harmonização vocálica no dialeto gaúcho, afirma que a tonicidade é importante, mas não determinante à aplicação da regra. A autora destaca a *adjacência* da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo, ao afirmar que “a contiguidade é um traço obrigatório do condicionador da regra da harmonização vocálica. E [...] a tonicidade da vogal alta imediata é traço variável, embora mais atuante que a contraparte átona”.

Nesta pesquisa sobre a variedade do interior paulista, segue-se a *Teoria da Variação e Mudança Linguística* – também denominada *Sociolinguística quantitativa*, por operar com números e tratamento estatístico dos dados –, proposta por Labov (1991 [1972]). Segundo essa teoria, as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas obedecem a um padrão sistemático regulado pelas regras variáveis, que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social.

Algumas das variáveis sociais frequentemente consideradas em pesquisas sociolinguísticas são *classe social*, *sexo/gênero*, *escolaridade* e *faixa etária*.⁴ Para vários fenômenos linguísticos, essas variáveis têm se mostrado importante na identificação de motivações sociais para o comportamento variável de estruturas linguísticas. Como um exemplo, Labov (2003) afirma que, de modo geral, as mulheres, quando comparadas aos homens, tendem a ser mais sensíveis à correção social e usam mais frequentemente formas padrão. O autor ressalta que esse fato está intimamente ligado também à classe social, pois são as mulheres da segunda classe social mais elevada (classe média-alta) as mais sensíveis a esse tipo de informação.

Conforme afirma Faraco (2005), é da realidade heterogênea e variável da língua que emerge a mudança. Assim, para que exista mudança, é necessário que tenha havido variação. Nesse caso, a realização de uma variante se sobrepôs totalmente à da variante com a qual competia. Conforme afirma Labov (1991 [1972]), a mudança tende a se completar em algum momento, e os processos variáveis tornam-se invariantes. No entanto, não necessariamente a variação acarreta mudança, já que as variantes podem se encontrar em variação estável, como ocorre com o morfema *-ing* em inglês, cuja realização se alterna entre a velar [ŋ] ou dental [n]. Segundo Naro (2004), esse caso de variação estável é atestado há vários séculos nas gramáticas de língua inglesa.

A verificação da mudança pode ocorrer de duas formas: *em tempo real* e *em tempo aparente*. Segundo Paiva e Duarte (2004), a verificação da mudança *em tempo real* divide-se em dois grupos: a mudança em tempo real *de longa duração* e *de curta duração*. Na mudança em tempo real *de longa duração*, observam-se, por exemplo, antigos textos escritos, que

⁴ Na seção 3 deste trabalho, as variáveis sociais são apresentadas mais detalhadamente.

registram estágios anteriores da língua. Segundo Paiva e Duarte (2004), um dos problemas da mudança em tempo real de longa duração consiste no fato de os documentos históricos só apresentarem evidências positivas, de modo que nada se pode afirmar acerca da gramaticalidade daquilo que *não* está contido nos textos.

Na mudança em tempo real *de curta duração*, confrontam-se amostras de fala distintas de um mesmo indivíduo, separadas por um lapso temporal (*estudo do tipo painel*). Segundo Paiva e Duarte (2004), há o recontato e a obtenção de amostras de fala de indivíduos gravados há um período de tempo de, aproximadamente, 15 a 20 anos. Como atesta Chambers (2009 [1995]), no estudo em tempo real *do tipo painel*, conseguir entrevistar os mesmos informantes anos após o primeiro inquérito pode ser uma tarefa difícil. Uma segunda possibilidade, então, é a comparação de amostras distintas, também separadas por um intervalo de tempo, mas de indivíduos diferentes de uma mesma comunidade de fala, com estratificação dos falantes com base nos mesmos parâmetros sociais (*estudo do tipo tendência*).⁵ De acordo com Paiva e Duarte (2004), o estudo *do tipo tendência* não tece afirmações sobre o comportamento linguístico do indivíduo, mas permite observar mudanças na configuração social de um grupo e seus reflexos nos processos de mudança linguística.

A segunda forma de verificação da mudança se dá em *tempo aparente*, realizada, principalmente, por meio da consideração simultânea de informantes pertencentes a diferentes faixas etárias. No que diz respeito ao processo de aquisição da linguagem, Naro (2004) afirma que a posição teórica mais aceita entre os linguistas postula que esse processo se encerra aproximadamente no início da puberdade.⁶ As normas adquiridas a partir de então são apenas esporádicas e nunca alcançam uma regularidade automática (Labov, 2003). Assim, segundo essa concepção teórica, o estado da língua de um falante adulto reflete o estado da língua de quando tinha 15 anos de idade, ou seja, para um falante que atualmente tem 65 anos, sua fala representa o estado da língua de 50 anos atrás. Dessa maneira, com o estudo das diferentes faixas etárias, alcançam-se os estados da língua adquiridos em diferentes momentos do passado.

A presente pesquisa acerca das vogais médias pretônicas verifica o *status* da mudança em *tempo aparente*, por ser esta a única forma possibilitada pelo banco de dados utilizado, apresentado na seção 3 deste trabalho. A consideração de diferentes faixas etárias permite classificar o fenômeno estudado como um caso de *mudança em progresso* ou *variação estável*. Se, por exemplo, certa variante é mais utilizada entre os jovens e se o emprego dessa variante for menor à medida que aumentam as faixas etárias dos informantes, pode-se dizer que há indícios de *mudança em progresso*. Em caso de *variação estável*, jovens e idosos geralmente apresentam comportamento relativamente similar em relação ao fenômeno estudado.

Na literatura da área, a mudança linguística é descrita e explicada, sobretudo, segundo dois modelos: o modelo da *difusão lexical* e o *neogramático*. De acordo com o modelo *difusionista*, cada vocábulo apresenta sua própria história. Seguindo-se essa teoria, as

⁵ No Brasil, deve-se destacar a atuação pioneira do grupo PEUL (UFRJ). No início da década de 1980, esse grupo desenvolveu o projeto *Censo da Variação Linguística*, constituindo a Amostra Censo, dentre outras. Nos anos de 1999 e 2000, para possibilitar a verificação da mudança em tempo real de curta duração por meio de estudos *do tipo painel* e *do tipo tendência*, foram constituídas novas amostras. Parte desse banco de dados está disponível em: www.letas.ufrj.br/peul/ (Acesso em: 19 abr. 2013).

⁶ Deve-se destacar o pressuposto sociolinguístico de que a criança não adquire a língua a partir da fala de seus pais, e sim de seu grupo de colegas/pares, o que determina o padrão de fala de sua geração (Labov, 2003).

mudanças, implementadas a partir do léxico, são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Já o modelo *neogramático* propõe que todas as palavras sejam atingidas indistintamente pela mudança linguística (mudanças lexicalmente abruptas e foneticamente graduais), e que as eventuais exceções à regra possam ser explicadas por analogia.

Segundo Bisol, a *harmonização vocálica* – assim como o alçamento da pretônica /e/ inicial antecedendo /N/ ou /S/ – pode ser explicada de acordo com a perspectiva *neogramática*. A autora afirma ser a harmonização,

inegavelmente, uma regra neogramática, dependente do sistema, favorecida por certos contextos, o que não a impede de ser aplicada em contextos menos favorecedores, em virtude de seu caráter variável, sempre, porém, sob a égide de seu condicionador fonético, a vogal alta seguinte. (Bisol, 2009, p. 87)

Por sua vez, a *redução vocálica*, por não ter um condicionador fonético específico e por contar com propriedades do próprio fonema (a vogal média é naturalmente a mais suscetível à mudança sonora) é passível de explicação, conforme a autora, segundo o modelo *difusionista*.

Após a exposição da fundamentação teórica que embasa esta pesquisa, passa-se, agora, à apresentação do material e da metodologia nela empregados.

3. Material e métodos

Constituem o *córpus* desta pesquisa 38 entrevistas⁷ retiradas do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP – *Amostra Linguística do Interior Paulista* – (FAPESP 03/08058-6),⁸ realizado no IBILCE/UNESP, sob a coordenação do Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. Esse banco de dados, disponível em <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>, conta com amostras de fala espontânea de informantes de São José do Rio Preto e de suas seis cidades circunvizinhas: Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol e Onda Verde.

O banco de dados IBORUNA é composto por dois tipos de amostras de fala: (i) *Amostra Censo*; e (ii) *Amostra de Interação Dialógica*.⁹ No primeiro tipo, foram coletadas amostras de fala espontânea de 152 informantes, com controle dos perfis sociais. Já no segundo tipo, foram coletadas amostras de fala em situações de interação, sem controle prévio dos perfis sociais. Neste trabalho, são utilizados inquéritos da *Amostra Censo* por controlar os perfis sociais, relevantes por resultarem nas variáveis sociais investigadas nesta pesquisa.

Na *Amostra Censo*, são consideradas as seguintes variáveis sociais: (i) *sexo/gênero* (feminino e masculino); (ii) *faixa etária* (de 7 a 15 anos, de 16 a 25 anos, de 26 a 35 anos, de 36 a 55 anos e acima de 55 anos); (iii) *escolaridade* (1º ciclo do Ensino Fundamental, 2º ciclo do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior); e (iv) *renda familiar* (até 5

⁷ No presente trabalho, são analisadas as falas de informantes de 2 sexos/gêneros, 5 faixas etárias e 4 graus de escolaridade, o que totalizaria 40 entrevistas (2 x 5 x 4). Deve-se ressaltar, porém, que não há informantes – tanto do sexo/gênero masculino, quanto do feminino – pertencentes à faixa etária de 7 a 15 anos que estejam cursando ou que tenham completado o Ensino Superior. Desse modo, são 38 os inquéritos analisados.

⁸ A autora deste trabalho fez parte do Projeto ALIP como bolsista de Capacitação Técnica (FAPESP 04/02962-5), integrando a equipe técnica responsável pelas gravações e transcrições ortográficas dos materiais coletados.

⁹ Para cada gravação, existem uma ficha social do informante e um diário de campo, bem como a transcrição ortográfica da entrevista em questão. As transcrições ortográficas foram realizadas a partir de um *Manual do Sistema de Transcrição*, elaborado pelos coordenadores do projeto com base em algumas normas de anotação de *córpus* já conhecidas, como a do projeto NURC.

salários-mínimos, de 6 a 10 salários-mínimos, de 11 a 24 salários-mínimos e acima de 25 salários-mínimos). Deve-se ressaltar que o presente estudo sobre vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista analisa apenas as três primeiras variáveis, descartando a variável *renda familiar*. Isso se justifica por ter sido observado pelo coordenador do Projeto ALIP, ainda no decorrer da constituição do banco de dados IBORUNA, que a variável *renda familiar* está codeterminada pela *escolaridade*, o que motivou o *afrouxamento* das fronteiras dos diferentes fatores da variável *renda familiar* durante a constituição do banco de dados.

De cada um dos informantes, foram colhidos cinco tipos de relatos, sendo eles: (i) *narrativa de experiência pessoal*; (ii) *narrativa de experiência recontada*; (iii) *descrição*; (iv) *procedimento*; e (v) *opinião*. Nesta pesquisa, são consideradas apenas as *narrativas de experiência pessoal*, por se tratar de um gênero em que o informante desvia sua atenção para *o quê* fala, ao invés do *modo* como fala. Labov (1991 [1972]) destaca a importância de se obter dados que se aproximem o máximo possível do vernáculo do informante. Para a obtenção desses dados, o autor propõe que o informante seja envolvido emocionalmente por meio de perguntas que recriem o que vivenciou. De acordo com Tarallo (2003 [1985], p. 23): “Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma”.

A partir da utilização de amostras de fala espontânea do banco de dados IBORUNA, o presente trabalho investiga a realização variável do fenômeno de *alçamento vocálico* nas vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, correspondente, portanto, à *variável dependente* desta pesquisa. Como *variáveis independentes sociais*, são considerados:

- a. *Sexo/gênero* – Como já citado neste trabalho, a maioria dos estudos de cunho sociolinguístico constata que as mulheres, quando comparadas aos homens, usam menos as variantes estigmatizadas/não padrão. Nos estudos sobre vogais médias pretônicas em diferentes variedades do PB, não se tem verificado grande diferença na fala de homens e de mulheres em relação ao fenômeno de alçamento (cf. Celia, 2004), o que vai ao encontro da afirmação de Bisol (1981, p. 30) de que o alçamento vocálico é um fenômeno que, na língua falada, não é estigmatizado: “essa variação [...] espalhou-se, não obstante, pela fala popular e culta, ao que tudo indica sem estigmatismo social, configurada aos falares locais pela gradação de uso”. Viegas (1987), no entanto, defende que tal fenômeno é estigmatizado socialmente. Pretende-se, portanto, com a consideração da variável *sexo/gênero*, verificar se há manifestações significativamente diferentes de vogal média pretônica nas falas de pessoas dos sexos/gêneros *feminino* e *masculino*, observando, dessa forma, algum eventual indício de estigma desse fenômeno na variedade do interior paulista;
- b. *Faixa etária* – Variável capaz de apontar diferentes manifestações das vogais médias pretônicas de acordo com a idade do falante, sendo, assim, a principal variável que indicia mudança linguística, por meio de um estudo *em tempo aparente*, como já descrito na seção 2 deste trabalho. Segundo Chambers (2009 [1995]), diferentes faixas etárias que apresentam usos relativamente similares de determinada variante indicam variação estável. Se os mais jovens são os que mais apresentam o fenômeno, tem-se, então, um indício de mudança em progresso;
- c. *Escolaridade* – Alguns estudos sobre vogais médias pretônicas, como o de Cassique *et al* (2009), sobre a variedade paraense do município de Breves, apontam a relevância do grau de escolaridade do informante na aplicação do alçamento. Segundo esses estudos, quanto maior a escolaridade do informante, menor a aplicação do fenômeno.

A partir desse resultado encontrado para vogais médias pretônicas em algumas variedades do PB, a *escolaridade* também é considerada neste trabalho, a fim de se verificar se a influência dessa variável também ocorre na variedade do interior paulista.

Apesar de o presente trabalho analisar possíveis influências por parte das variáveis independentes *sociais*, variáveis independentes *linguísticas* também são analisadas quantitativamente com o auxílio do pacote estatístico *Goldvarb-X*, pois permitem uma análise mais sistemática acerca do comportamento das vogais pretônicas no interior paulista. Desse modo, o presente estudo, além de considerar as três variáveis sociais acima arroladas, engloba também nove *variáveis independentes linguísticas*, apresentadas brevemente a seguir:

- a. *Altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* – A hipótese a ser testada é a de que as vogais altas, como em *m[i]ntira* e *pr[u]curava*, por meio da harmonização vocálica, favoreçam o alçamento, ao passo que vogais médias-altas, como em *p[e]guei* e *desc[o]ntrolado*, médias-baixas, como em *env[e]lhece* e *polv[o]rosa*, e baixa, como em *s[e]ntada* e *b[o]tava*, tendam a inibi-lo;
- b. *Tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* – Considerada com o propósito de ser cruzada com a *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*. Por meio desse cruzamento, observam-se os resultados que podem contribuir para a discussão de Câmara Jr. (2007 [1970]) e de Bisol (1981) sobre em que medida a tonicidade da vogal alta gatilho à harmonização é relevante para a aplicação do processo, isto é, se a presença de vogal alta *átona* na sílaba seguinte à da pretônica, como em *m[o]bilidade* e *pr[o]curar*, exerce a mesma influência a favor do alçamento que a presença de uma vogal alta *tônica* na sílaba seguinte, como em *p[i]dido* e *d[u]rmia*;
- c. *Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo* – Busca-se corroborar ou, eventualmente, reformular a afirmação de Bisol (1981) de que, por envolver articulações sucessivas, a harmonização vocálica não dá saltos. Desse modo, para as pretônicas que apresentam vogal alta em sílaba posterior à da pretônica, têm-se, como fatores: (i) presença de vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *a.cr[e].di.ta.va* e *c[on].tru.ir*; (ii) distância de uma sílaba entre as sílabas da vogal alta e da pretônica-alvo, como em *p[er].ce.bi* e *c[o].nhe.ci*; e (iii) distância de duas sílabas entre as sílabas da vogal alta e da pretônica-alvo, como em *r[e]s.pon.sa.bi.li.da.de*;
- d. *Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre* – Busca-se, a partir de um corpus distinto e que considera diferentes perfis sociais, confirmar os resultados de Carmo (2009) para as vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista, que apontam que verbos de terceira conjugação, como em *c[u]brindo* e *cons[i]guia*, apresentam maiores taxas de alçamento e maior probabilidade de realização do fenômeno, como também constatado por Collischonn e Schwindt (2004) para as vogais médias pretônicas nas variedades das três capitais do Sul do Brasil;
- e. *Grau de atonicidade da pretônica-alvo* – Pretende-se observar eventuais diferenças na relação do alçamento com a pretônica que: (i) sempre mantém seu caráter de *átona*, como em *p[er]rigo* – *p[er]riculosidade*; (ii) em outras formas do mesmo paradigma, apresenta-se como *tônica*, como em *ad[o]rar* – *ad[O]ro*; ou (iii) pode apresentar-se como *tônica alta*, como ocorre em certas formas verbais de terceira conjugação que apresentam harmonia vocálica na raiz verbal, como *d[u]rmia* – *durmo*;

- f. *Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo* – Consoantes com ponto de articulação alto, como as velares, como em *qu[i]ria* e *c[u]meçou*, tendem a favorecer o alçamento dessa vogal, ao passo que consoantes com ponto de articulação baixo, como as alveolares, como em *dir[e]tora* e *s[o]ssegado*, tendem a inibi-lo. No presente estudo, visando a outro tipo de olhar em relação à influência do(s) ponto(s) de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo – não mais à altura do corpo da língua, mas à sua posição ântero-posterior –, classificam-se esses segmentos segundo os pontos de articulação: (i) *coronal*, como em *prot[e]ção*; (ii) *dorsal*, como em *c[o]rrendo*; e (iii) *labial*, como em *p[u]lcial*;
- g. *Ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo* – Como citado no que se refere à variável anterior, o ponto de articulação da consoante *seguinte* à pretônica-alvo é classificado como: (i) *coronal*, como em *p[i]diu*; (ii) *dorsal*, como em *n[e]gocio*; e (iii) *labial*, como em *desc[u]brir*;
- h. *Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre* – Para essa variável, utiliza-se a noção de sílaba de Collischonn (1999) para o Português, baseada nas considerações de Selkirk (1982). Segundo esse proposta, a sílaba é constituída, necessariamente, por rima (núcleo) e, geralmente – mas não necessariamente –, por um ataque, ambos podendo ser ramificados. A rima consiste em um núcleo e, quando ramificada, em uma coda. Uma das hipóteses que se investiga é se a estrutura da sílaba com coda apresenta comportamento diferente da sílaba sem coda na realização do alçamento;
- i. *Classe gramatical* – Como já mencionado, Silveira (2008) e Carmo (2009) identificam diferentes comportamentos entre as vogais médias pretônicas em nomes e verbos no que diz respeito ao alçamento vocálico na variedade do interior paulista. Na presente pesquisa, considera-se a *classe gramatical* como uma variável a fim de se observar se eventuais diferenças relativas ao alçamento vocálico das vogais médias pretônicas de diferentes classes gramaticais – nomes e verbos – são estatisticamente significativas.

Após a seleção do corpús e extração de cada ocorrência de vogal média pretônica, foram identificados os contextos em que essa vogal estava inserida. No entanto, deve-se destacar que determinados contextos foram descartados, sendo eles:

- *Início de vocábulo* – como em *[i]scritório* e *[o]perou*, excluído com base na afirmação de Bisol (1981) de que os princípios que regem o alçamento da vogal inicial não se identificam com aqueles referentes ao alçamento de uma pretônica interna;
- *Ditongo* – como em *tr[e]inamento* e *s[o]ubesse*, descartado pelo fato de as vogais médias pretônicas serem seguidas por semivogais, as quais não têm as mesmas propriedades de vogais *plenas*, e, por isso, não devem ser analisadas como gatilho da harmonização vocálica da mesma forma que estas vogais. Além disso, em algumas ocorrências, é encontrado, nesse contexto, outro processo fonológico: a *monotongação*, como em *d[e]xou* e *d[o]tor*;
- *Hiato* – como em *apr[i]ensivas* e *j[u]elho*, excluído devido à frequência alta de alçamento nesse contexto, o que poderia enviesar os resultados quantitativos desta pesquisa; e
- *Prefixo* – como em *pr[E]-requisito*, eliminado porque, segundo Bisol (1981), certos prefixos não se incorporam totalmente ao vocábulo com que combinam, possuindo traços de composição, que consiste em um ambiente pouco propício para o alçamento decorrente de harmonização vocálica. Além disso, Bisol (1981) aponta que algumas vogais presentes nesse contexto podem sofrer elisão, como, por exemplo, em *dscolou*.

Excluídas as ocorrências presentes nesses contextos, foi feita a análise do conjunto de dados restante, procedendo à análise de oitiva¹⁰ e à quantificação dos resultados. A análise estatística foi feita por programas do pacote *Goldvarb-X*. Várias rodadas foram feitas. Os resultados obtidos a partir dessas rodadas são descritos e analisados na seção a seguir.

4. Descrição e análise dos dados

Antes da exposição dos resultados referentes às variáveis sociais, devem-se apresentar alguns resultados mais gerais, que possibilitam uma visão panorâmica do comportamento das vogais médias pretônicas no interior paulista. A seguinte tabela apresenta o resultado geral da aplicação do alçamento vocálico:

Tabela 1. Aplicação do alçamento em relação à vogal pretônica-alvo

Frequência	
/e/	16,1% (474/2936)
/o/	16,6% (337/2031)
Total	16,3% (811/4967)

Input: 0.125
Signif.: 0.009

Por meio da tabela 1, observam-se índices percentuais de alçamento relativamente baixos e similares no que diz respeito à vogal pretônica /e/ (16,1%) e à pretônica /o/ (16,6%). Apesar de esse resultado indicar uma possível semelhança entre essas vogais, deve-se destacar que ambas apresentam comportamento diferenciado em relação ao alçamento, o que pode ser verificado com a realização de rodadas diferentes para cada vogal pretônica. Resultados distintos podem ser observados a partir do quadro apresentado a seguir:

Quadro 1. Seleção de variáveis pelo programa estatístico

Variáveis	Pretônica /e/	Pretônica /o/
<i>Altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	1 ^a	1 ^a
<i>Tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo</i>	5 ^a	não selecionada (3 ^a)
<i>Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo</i>	7 ^a	8 ^a
<i>Grau de atonicidade da pretônica-alvo</i>	3 ^a	6 ^a
<i>Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre</i>	2 ^a	3 ^a
<i>Classe gramatical</i>	não selecionada (1 ^a)	não selecionada (1 ^a)
<i>Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo</i>	não selecionada (2 ^a)	4 ^a
<i>Ponto de articulação da consoante</i>	4 ^a	5 ^a

¹⁰ Cabe destacar que as gravações provenientes do banco de dados IBORUNA não apresentam qualidade que possibilite uma análise acústica por meio de recursos específicos, como o programa *Praat*. Nelas, são encontrados muitos ruídos, decorrentes, principalmente, do fato de as entrevistas não terem sido realizadas em cabines com isolamento acústico, o que justifica a não realização de análise acústica dos dados desta pesquisa.

<i>subsequente à pretônica-alvo</i>		
<i>Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre</i>	6 ^a	2 ^a
<i>Sexo/gênero</i>	não selecionada (3 ^a)	7 ^a
<i>Faixa etária</i>	9 ^a	não selecionada (2 ^a)
<i>Escolaridade</i>	8 ^a	não selecionada (4 ^a)

De modo geral, verificam-se resultados diferentes nas rodadas referentes à vogal pretônica /e/ e à pretônica /o/, com as seguintes exceções: (i) a não seleção da variável *classe gramatical* como relevante ao alçamento; e (ii) a seleção da *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* como a variável mais importante para a aplicação do alçamento.

O fato de a *classe gramatical* ter sido descartada tanto para /e/ quanto para /o/ indicia que nomes e verbos não apresentam diferenças significativas na aplicação do alçamento da vogal pretônica na variedade do interior paulista. No entanto, rodadas distintas para nomes e verbos podem ser realizadas para que se confirme – ou não – esse resultado inicial. Pelo fato de a análise de possíveis diferenças entre nomes e verbos envolver uma discussão sobre questões morfofonológicas que foge ao escopo do presente estudo, a investigação mais apurada acerca da influência da *classe gramatical* no comportamento das vogais médias pretônicas no dialeto do interior paulista é deixada para futuros trabalhos.

Quanto à seleção da variável *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* como a mais importante para o alçamento de /e/ e de /o/, esse resultado evidencia a relevância da harmonização vocálica para o alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Verificam-se pesos relativos (doravante, PRs) altos no que diz respeito às vogais altas /i/ (0.943 para /e/ e 0.846 para /o/), como em *s[i]ntido* e *p[u]dia*, e /u/ (0.739 e 0.828 para /e/ e /o/, respectivamente), como em *s[i]gurar* e *g[u]rdura*. Os resultados referentes à *tonicidade* da vogal alta mostram que a tonicidade é um fator relevante, mas não determinante à aplicação da harmonização vocálica, como defendido por Bisol (1981).

Os diferentes comportamentos das vogais pretônicas /e/ e /o/ ficam evidentes a partir da segunda variável selecionada como mais relevante. Para /e/, o programa estatístico selecionou a *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre* e, para /o/, a *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*. Para /e/, continua sendo importante a harmonização vocálica, pois a terceira conjugação, que apresenta vogal temática /i/ e sufixos verbais com vogal alta, como em *p[i]dia*, é o fator que apresenta maior PR (0.916). Para /o/, percebe-se a influência de uma variável de outra natureza: *estrutura da sílaba*, que ocupa apenas a sexta posição quando considerada a pretônica /e/. Em relação a essa variável, para /e/, os resultados apontam que, sílabas com coda, como em *an[e]stesia*, desfavorecem o alçamento (PR 0.333), especialmente se a coda for preenchida por elemento nasal (PR 0.254), como em *d[e]ntista*. Esse contexto também desfavorece o alçamento de /o/ (PR 0.127), como em *v[o]ntade*. Já a sílaba com elemento não nasal em coda, como em *p[o]rtão*, é neutra para /o/ (PR 0.506).

A *conjugação do verbo* também é importante para a vogal pretônica /o/: foi selecionada como a terceira variável mais relevante, também com alto PR (0.903) para a terceira conjugação, como em *d[u]rmindo*. Para /e/, a terceira variável mais relevante é o *grau de atonicidade da pretônica-alvo*, que, para /o/, ocupa a sexta posição. Os resultados referentes a

essa variável mostram que a atonicidade permanente é o fator que favorece o alçamento de /e/ (PR 0.743), como em *t[i]soura*, e de /o/ (PR 0.595), como em *c[u]lega*.

A atuação do processo de redução vocálica é indicada pela presença da variável *ponto de articulação da consoante precedente*, no caso de /o/, e *ponto de articulação da consoante seguinte*, no caso de /e/, como as variáveis que ocupam a quarta posição como mais relevantes ao alçamento. Para /o/, a influência desse processo é observada também pela quinta variável: *ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo*. Para /e/, a consoante seguinte favorecedora do alçamento é a dorsal (PR 0.703), como em *ap[i]guei*. Para /o/, tanto em posição precedente quanto em posição subsequente, o alçamento é favorecido pela consoante labial (PRs 0.711 e 0.600, respectivamente), como em *b[u]né* e *c[u]meçou*.

Dentre exclusivamente as variáveis *linguísticas* selecionadas, a *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo* ocupou as últimas posições. Para a pretônica /o/, favorece o alçamento a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *g[u]rdura* (PR 0.575). Para /e/, a maior distância, representada pelo fator *uma ou duas sílabas entre a pretônica-alvo e a vogal alta*,¹¹ como em *esp[e]táculo*, mostra-se favorecedora do alçamento (PR 0.769). No entanto, esse resultado parece estar enviesado pela pouca quantidade de dados (133 ocorrências) em comparação com o número de dados de pretônica com vogal alta na sílaba imediatamente seguinte (810 ocorrências).

O recorte efetuado por este trabalho enfoca a atuação das variáveis *sociais* em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. No que tange a essas variáveis, deve-se destacar a baixa influência que exercem para o alçamento vocálico: quando selecionadas, essas variáveis ocupam as últimas posições (8ª e 9ª, de 9, para /e/, e 7ª, de 8, para /o/) em graus de importância na aplicação do fenômeno. Dessa forma, há um indício de que o alçamento vocálico ocorrido nas vogais médias pretônicas no interior paulista é um fenômeno de natureza, sobretudo, linguística. Outro resultado importante referente às variáveis sociais é a *faixa etária* não ter sido selecionada para a pretônica /o/, o que mostra que o alçamento dessa vogal se encontra em *variação estável*.

A partir da seleção das variáveis sociais pelo programa estatístico, deve-se ressaltar, mais uma vez, o comportamento diferenciado por parte das pretônicas /e/ e /o/: enquanto o *sexo/gênero* foi selecionado apenas para a vogal pretônica /o/, a *faixa etária* e a *escolaridade* foram selecionadas somente na rodada da pretônica /e/.

A variável *sexo/gênero*, selecionada apenas para /o/, apresenta os seguintes resultados:

Tabela 2. Alçamento de /o/ em relação ao *sexo/gênero*

	Pretônica /o/	
	Frequência	PR
Feminino	15,7% (162/1032)	0.459
Masculino	17,5% (175/999)	0.543
Total	16,6% (337/2031)	

Input: 0.098
Signif.: 0.037

¹¹ Inicialmente, esse fator correspondia a dois diferentes fatores: *uma sílaba entre as sílabas da vogal pretônica-alvo e a da vogal alta* e *duas sílabas entre as sílabas da vogal pretônica e a da vogal alta*. No entanto, foi necessário o amálgama de fatores, por ter sido apontado, pelo programa estatístico, *knockout* no segundo fator.

Verifica-se que os homens aplicam mais frequentemente o alçamento (17,5%) do que as mulheres (15,7%). Em termos de probabilidade, observa-se que o alçamento é levemente favorecido pelo fator *sexo/gênero masculino* (PR 0.543), ao passo que é levemente desfavorecido pelo fator *sexo/gênero feminino* (PR 0.459). Apesar de a frequência e a probabilidade de ocorrência de alçamento da vogal /o/ se mostrarem ligeiramente mais altas na fala de homens do que na de mulheres, o que poderia indiciar estigma (Labov, 2003) aos itens lexicais que apresentam vogal pretônica alçada, essa afirmação não pode ser sustentada estatisticamente, já que ambos os PRs são bastante próximos a 0.5.

Para a pretônica /e/, uma das variáveis sociais selecionadas é a *faixa etária*. Os resultados relativos a essa variável são expostos na tabela a seguir:

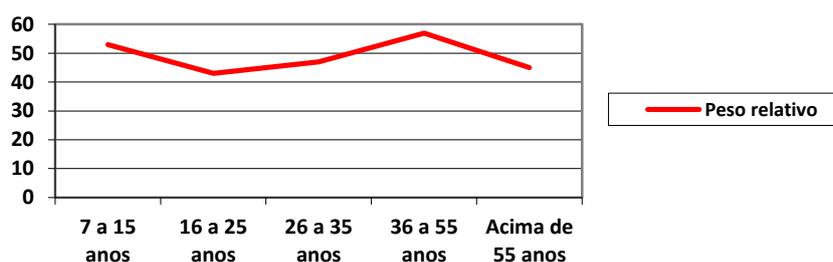
Tabela 3. Alçamento de /e/ em relação à faixa etária

	Pretônica /e/	
	Frequência	PR
7 a 15 anos	14,9% (76/509)	0.529
16 a 25 anos	15,1% (71/471)	0.429
26 a 35 anos	11,7% (53/452)	0.466
36 a 55 anos	18,9% (161/851)	0.575
Acima de 55 anos	17,3% (113/653)	0.455
Total	100% (474/2936)	

Input: 0.076
Signif.: 0.019

Como pode ser observado, a faixa etária que mais favorece o alçamento é a de 36 a 55 anos (PR 0.575). Em segundo lugar, tem-se a faixa etária mais jovem, ou seja, dos 7 aos 15 anos (PR 0.529). As outras faixas etárias mostram-se levemente desfavorecedoras do alçamento, com PRs 0.466, 0.455 e 0.429 para, respectivamente, de 26 a 35 anos, acima de 55 anos e de 16 a 25 anos. De modo geral, as diferentes faixas etárias apresentam PRs próximos ao ponto neutro (0.5), como pode ser visualizado por meio do gráfico seguinte.

Gráfico 1. Peso relativo de acordo com a faixa etária



O gráfico 1 ilustra a oscilação do valor do PR sempre próxima a 0.5 (valor 50, no gráfico). Apesar de o programa estatístico ter selecionado a variável *faixa etária* como relevante ao alçamento de /e/, a verificação dos resultados relativos a cada fator mostra que não se trata de um caso de mudança em progresso. A proximidade dos PRs de cada faixa etária ao ponto neutro permite a afirmação de que o alçamento vocálico da vogal pretônica /e/ na variedade do interior paulista consiste em um caso de variação estável.

Quanto à vogal /o/, como já comentado neste estudo, pelo fato de a *faixa etária* não ter sido selecionada como relevante à realização do alçamento, pode-se afirmar que esse fenômeno, para essa vogal, também se encontra em variação estável.

Por fim, em relação à variável social *escolaridade*, expõem-se os resultados na tabela 4.

Tabela 4. Alçamento de /e/ em relação à *escolaridade do informante*

	Pretônica /e/	
	Frequência	PR
1º Ciclo do Ensino Fundamental	19,8% (64/324)	0.622
2º Ciclo do Ensino Fundamental	15,1% (119/786)	0.498
Ensino Médio	16,1% (150/934)	0.441
Ensino Superior	15,8% (141/892)	0.518
Total	16,1% (474/2936)	

Input: 0.076
Signif.: 0.019

Constata-se que o grau de escolaridade considerado mais baixo – o primeiro ciclo do Ensino Fundamental – é o mais favorecedor da aplicação do alçamento, com PR 0.622. O grau de escolaridade mais alto – o Ensino Superior – e o segundo ciclo do Ensino Fundamental podem ser considerados neutros em relação ao alçamento (PRs 0.518 e 0.498, respectivamente) e o Ensino Médio é ligeiramente desfavorecedor da realização do fenômeno (PR 0.441). No entanto, deve-se destacar o fato de as porcentagens de alçamento dos diferentes fatores serem bastante similares, variando de 15,1% a 16,1%, assim como os PRs, que vão de 0.441 a 0.518, valores muito próximos também ao ponto neutro.

Dados os resultados, a afirmação de que os anos de estudo formal exercem influência no alçamento da vogal pretônica /e/ no falar do interior paulista deve ser feita com cautela, já que as taxas são próximas e não exatamente decaem conforme avançam os níveis de escolaridade.

Por fim, pode-se afirmar que, de modo geral, as variáveis sociais *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade* não se mostram atuantes no alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista.

Apresentam-se, agora, as considerações finais deste estudo.

5. Considerações finais

Este trabalho analisou as vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, com destaque à investigação da influência das variáveis sociais *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade* na aplicação do alçamento vocálico.

De forma geral, essas variáveis não se revelaram importantes para o comportamento das pretônicas. Os resultados relativos ao *sexo/gênero* apontam que homens e mulheres realizam o fenômeno com frequências e probabilidades bastante semelhantes, o que indicia que esse fenômeno não é estigmatizado na variedade do interior paulista.

A consideração de diferentes faixas etárias permitiu o estudo do *status* da mudança em *tempo aparente*. A não seleção da variável *faixa etária* para a pretônica /o/ e os PRs próximos a 0.5 dos fatores relativos à pretônica /e/ indicam que o alçamento das vogais médias pretônicas no dialeto do interior paulista consiste em um caso de *variação estável*.

Em relação à *escolaridade*, o alçamento tem probabilidades semelhantes de ocorrer na fala de indivíduos menos e mais estudados. Consta-se, então, que o aumento da escolaridade não influencia na aplicação do fenômeno nas vogais médias pretônicas na variedade estudada.

Portanto, conclui-se que o alçamento é resultado da atuação de determinados fatores linguísticos, dos quais se deve destacar a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, independentemente de sua tonicidade. Desse modo, identifica-se o alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista como um fenômeno de natureza linguística, resultante, sobretudo, do processo de *harmonização vocálica*.

Referências

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 2, p. 23-44, 1981.

BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. 280 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

_____. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L; COLLISCHONN, G. (Org.) *Português do Sul do Brasil – variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 73-92.

BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-30, 1992.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 [1970].

CARMO, M. C. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

CASSIQUE, O., *et al.* Análise do processo de alteamento das vogais médias pretônicas no Português falado em Breves (PA). In: HORA, D. (Org.) *Vogais: no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 111-132.

CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES*. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*. (Rev. Ed.). Singapore: Wiley-Blackwell, 2009 [1995].

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 91-119.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Harmonia vocálica no sistema verbal do português do sul do Brasil. *Estudos de Fonologia e de Morfologia*. Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 73-82, 2004.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 14-90.

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <<http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. 11. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991 [1972].

_____. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.) *Sociolinguistics: the Essential Readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234-250.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 43-50.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 179-190.

SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. (Ed.). *The Structure of Phonological Representations* (Part II). Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-383.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 [1985].

VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

_____. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.